

QUARTERLY

CO-CHAIR AND EDITOR IN CHIEF

MIGUEL TRINDADE ROCHA

Empresário, empreendedor e investidor, é especialista em estratégia e desenvolvimento empresarial. Com experiência relevante em consultoria de gestão e governo, adquirida ao longo de mais de vinte anos de experiência profissional, nos setores público e privado, geriu projetos nas mais diversas indústrias, na Europa, África e América. A nível político, desempenhou funções na área dos negócios estrangeiros e da cooperação para o desenvolvimento. Foi atleta internacional, em diferentes modalidades desportivas. A sua visão contribui para um posicionamento de vanguarda e high-end da Quarterlyly.

CO-CHAIR AND EDITOR

LIA MILLECAMPS

Empresária, empreendedora e investidora, é especialista em gestão internacional, com foco na sustentabilidade das organizações. Com experiência significativa em sustentabilidade, ao nível da estratégia, governance, economia circular, alterações climáticas e responsabilidade social, contribui para posicionar a Quarterlyly como geradora de mudança sustentável.

PHOTO EDITOR IN CHIEF

MÁRIO PRÍNCIPE

Premiado como o Melhor Fotógrafo de Moda em 2011 pelo Fashion Awards, já colaborou, ao longo da sua carreira, com as principais publicações de moda em Portugal e trabalho internacional. Tem, em portfolio, produções para a Vogue Portugal, Elle Portugal, Glamour Spain, Revista Máxima, GQ Portugal, entre muitas outras. Fortemente influenciado por referências como Guy Bourdin, Helmut Newton, Jurgen Teller, Steven Meisel, traz uma linha estética elegante num registo visual alternativo em que a Quarterlyly é notoriamente marcada por uma identidade única e própria diferenciando-se das demais.

ART DIRECTOR

JOÃO APOLINÁRIO

Com mais de 30 anos de experiência, em áreas como a publicidade e o design nas suas múltiplas vertentes, torna-se empresário. Especializando-se então em design gráfico, onde encontrou um mundo de novas experiências visuais e culturais que contribuíram para uma evolução rica de referências marcantes. A Quarterlyly é o culminar de várias experiências de comunicação visual e sensorial, abrindo novos horizontes.

CO LABO RADO RES

CURATORIAL DIRECTOR

RUI PATRÍCIO

Um dos mais reconhecidos advogados portugueses, na área do contencioso criminal e contraordenacional, é sócio de uma prestigiada sociedade de advogados, onde é membro do Conselho de Administração e coordenador do departamento de criminal e compliance.

Colecionador de arte e conhecedor dos períodos moderno e contemporâneo, e suas escolas, movimentos e estilos, contribui, com o seu dinamismo, para a promoção de artistas consagrados e a identificação e divulgação de novos talentos.

CECI N'EST PAS UN CIGARE

O TÍTULO NÃO PRETENDE SER UMA EMULAÇÃO DA PROVOCAÇÃO ARTÍSTICO-FILOSÓFICA DE RENÉ MAGRITTE; ALIÁS, SERIA UMA TREMENDA E FRACASSADA OUSADIA, CERTAMENTE MUITO MAIS OLHOS DO QUE BARRIGA, E TAMBÉM NÃO QUER SER UMA REFLEXÃO SOBRE O OBJETO E A SUA REPRESENTAÇÃO, E AINDA MENOS UMA RECUPERAÇÃO DO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT (EM LIVRO HOMÔNIMO) SOBRE ESTE E OUTROS TEMAS DAS ARTES OU DAS CIÊNCIAS SOCIAIS.

Fotografia Mário Príncipe

Texto Rui Patrício

Assistente de fotografia Rodrigo Lopes
Makeup Carla Pinho

Apetece até dizer já sobre este meu texto que “isto não é”; não é, por exemplo, uma provocação, pois não é. E, se acharem que é, então será caso, não de traição da imagem, mas da palavra, esse bicho tão traíçoeiro quanto sedutor (passe a meia redundância).

O que se pretende é algo mais simples - para além, por um lado, da óbvia homenagem ao pintor belga e, por outro, do fácil efeito de estilo que dá a evocação de um quadro que se transformou num monumento-símbolo. Pretendo celebrar o importante prazer do charuto, mas fazendo de conta que não, pelo que título “isto não é”. E fazendo de conta que não, porquê? Por três razões elementares. Elementar, meus caros Watsons. Ou será fazendo de conta que celebro, não celebrando? Afinal, que nego eu, afirmando, e que afirmo eu, negando? E que sabe o meu ego do meu id, e vice-versa? Consciente ou inconscientemente, e piscando o olho ao superego. Assemblage de palavras,

a saúde é santo-e-senha dos tempos que correm, pelo que tem que se fazer de conta que nenhum prazer se celebra, exceção feita aos prazeres salutareos (se é que isso existe), o que não é o caso, porque o “puro humo” (como titula Cabreira Infante num livro desafiador e delicioso), se é verdade que desopila a alma e os sentidos, também faz mal que se farta, e pode mesmo matar.

Donde, se de charutos se fala, tem que se esconder o vício privado, sob pena de perder todas as outras eventuais públicas virtudes, já que hoje é mister não exhibir nenhum defeito que possa contaminar o mais que cada um é e faz. Isto não é, pois, sobre charutos. Arrene-go-te, vade-retro. Façamos de conta que charuto é apenas metáfora, e não o simples e chão prazer arrancado a folhas de tabaco carregadas de tantas satisfação e inspiração quanto bacilos de doença e, quiçá, de morte. E nós, na nossa sã e ilusória modernidade, queremos viver sem vazio depois do adeus, sem morte

temos todos o mesmo, embora o não tenhamos, e não faz mal que o não tenhamos, desde que disso se não faça alarde. Todos hipocritamente iguais fora de portas, e assim tudo parece que muda para que tudo na mesma permaneça. Num tempo em que o que conta é apenas o que se diz e o que se mostra (em simples mise-en-scène, ou em mais sofisticada mise en abyme), tem que se dizer, como o pintor sobre o cachimbo, que isto não é. Nada disto é, e aqui ao lado, no que a câmara captou, o que veem não é um charuto, não é fumar, e também não é encenado. Não. Adiante, ainda lavrando o campo (lavoura arcaica, talvez) da segunda razão. Diferenciar, hoje, também é péssimo, já se sabe, o que conta é nivelar, mesmo que seja por baixo, universalizar, mesmo que apenas na superfície, igualizar, mesmo que apenas em discursos para enganar os tolos que se deixam seduzir pelas aparências e pela força cogente e normativa (e muito deformadora) da linguagem e das imagens. Quanto mais parecemos todos iguais menos o somos, porque se acredita no que se mostra e se não pensa no que não se mostra.

Tempos tolos, tempos de superfície, tempos de instantâneos, em que convém dizer, qual totem ou tabu, que nada disto é um cachimbo, mas sem a elaborada ironia de Magritte. Dizer apenas que não é. Embora seja. Ah, embora seja. Mas tudo está bem se não se disser que é, ou, melhor, se se afirmar, com o descaramento dos néscios ou dos atrevidos, que não é. Portanto, este texto não é sobre o prazer do charuto, e muito menos é disso elogio. Não, nada disso, e quem disser o contrário só pode estar cativo dos pecados da atenção e da

Pretendo celebrar o importante prazer do charuto, mas fazendo de conta que não, pelo que título “isto não é”.

tudo conta, tudo pode ser incorporado, e tudo é alguma coisa, quando não o seu contrário. N'est-ce pas?

E, com isto, já me ia perdendo, em mergulho picado para o mar em chiaroscuro que abraça a parte do icebergue em imersão. Dizia eu que por três razões (são sempre três, como diriam amigos, em piada privada). Primeira, porque fumar faz mal à saúde, já se sabe, e

sem o conhecimento dela. Se a intuímos, logo dizemos, ainda que com a garganta apertada, “isto não é” ...

Segunda, porque un cigare (digamos em Francês, para carregar na patine do pecado) pode ser sinónimo de caro, de luxuoso, de escasso, de diferenciador, e até mesmo de cabedais e capitais. Ora, isso é pior do que o ataque à saúde. O que está bem é fazer de conta que

reflexão. Se eu digo que não é, não é. Não é assim que se vive hoje, numa colorida rede, em que o ser se confunde com o dito e o visto? E, voltando ao que se lavra (ainda a razão segunda), falemos de cabe-dais e de capitais, para dizer que não é que não seja ótima ideia tentar que todos tenham o mesmo (o que fica sempre bem dizer, mas no caso eu até penso mesmo assim - e ponha-se um like). Mas sabemos que assim não é, e também sabemos no que deram algumas tentativas de fazer à força que assim fosse (ponha-se um emoji mal-encarado). Melhor é, pois, e por uma vez que seja, dizer as coisas como elas são. E elas são de duas formas. Por um lado, todos devem ter o essencial, sem exceções. Em "First things First", W. H. Auden escreveu, no final do poema, "thousands have lived without love, not one without water". E com toda a razão, pelo que antes de tudo temos que ter o que é essencial e necessário para todos, e para o diabo com qualquer extra, charuto incluído, se for à custa disso. Mas, por outro lado, depois disso não é tudo igual, não tem que ser, e sobretudo nunca será, e fingir que é ou impor que seja queima tanto quanto o puro incandescente. Isto não se deve dizer, bem sei, em tempos de indizível linguístico e sociológico e de cancelamento cultural. Pelo que, como no título (e vejam nele o descaro (sur)real que quiserem ou puderem), "isto não é". E honi soit qui mal y pense. Ora, para não me perder (embora isso faça falta, olá se faz), voltemos ao encadeado das razões, que eram três. É tempo da terceira. Cá vai ela: os maiores aliados do charuto estão ameaçados ou mesmo em vias de extinção, pelo que este texto nunca poderia ser sobre esse

tema. São eles, esses aliados, essas condições necessárias e vitais, os

existem horas, tarefas, ruídos, sons, estímulos, imagens, luzes,

Em "First things First", W. H. Auden escreveu, no final do poema, "thousands have lived without love, not one without water".

seguintes: o tempo, a concentração e a capacidade de estar consigo mesmo. Não se pode apreciar - e celebrar - um puro sem tempo, sem concentração e sem capacidade (tão dolorosa quanto corajosa) de estar consigo, de ver-se e de ser-se ao espelho. Deuses, como pode isso ser, se tudo aquilo está doente ou já moribundo, a tal ponto que nem já talvez possa ser salvo por um Noé redentor com uma arca?

*Um dia
darei adeus.*

*Não, talvez
falta aqui um "talvez"
que é advérbio roedor
rói a dor.*

*Talvez
um dia diga adeus,
e até lá
os dedos bastam
os lábios bastam,
uns com outros.
São e naturais
todas as coisas
meigos braços
magras penas
nós apenas.*

Tempo? Não há tempo. Tempo silencioso, interrogador, tempo de pensamento e confronto. É preciso tempo, para estar, para ser. Mas só

conversas. Passam as horas, embora se vivam pouco as horas. Sucedem-se os sons e as imagens, tudo se povoa de palavras, num caleidoscópio de átomos sem ligação entre si, muitas vezes sem sentido, para enganar a dor, o vazio, a dúvida, o problema. As espirais são de fumo, mas não de fumo de tabaco, apenas fumo inodoro e incolor, que não mata, mas também a nada sabe e muitas vezes nada produz, pelo que mói sem se dar por isso. Fumo de nada. Aparência. Sim, ceci n'est pas... Não sei se estatisticamente hoje se fuma mais ou menos charuto do que no passado. Mas deve ser menos, não só porque fumar está na mó de baixo, mas também porque (repetindo, como se fora um estribilho doloroso) as três condições principais para a arte do puro estão ou em vias de extinção ou sob ameaça. O tempo, sim, primeira delas, já disse. O tempo, supremo luxo, o que se aspira a ter e se não tem, por escassez, convertendo-se em sonho. Há, aliás, várias definições para luxo, sendo que as que apontam para ostentação e/ou supérfluo são as que me não interessam e não seduzem, pois só quero - é só essas seduzo, sendo seduzido - as definições que me falam de sonho, e também de capricho, no sentido de vontade, empenho e fantasia, mas num

ser-se consigo de confronto e desafio. Mas isso escasseia, não há, escoá-se. E como poderia haver, se

vas). E concentração (essa argamassa do pensamento) para quê? Para que a quereríamos? E saberíamos suportar o exercício e

enorme sossego para um total desassossego. O que me leva a querer citar Enrique Vila-Matas, em "Pedem-me para Dizer quem

Ajudá-lo a compreender que a pintura não é nada se não for perigosa." Ora, fumar um charuto também, não é nada se não for perigoso.

enchemos todo o espaço e todo o tempo com serpentinas para não nos vermos e não nos confrontarmos? Serpentinas e sons, muitos sons (a fúria do som, diria, brincando - mas o tema é sério - com o título do famoso livro). Não é só o tempo que falta, mingua também o silêncio. Para refletir, sentir, para estar. Mas também para comunicar, pois os silêncios dizem tanto. A coisa que se não diz, mas que o outro adivinha, e o silêncio pode doer ou acarinhar mais do que a palavra. O que se cala. A questão a que se não responde. A ofensa que se não faz, não falando, mas a mensagem que se transmite, calando.

O silêncio jaz, paz à sua alma. E a seu lado, em campa rasa, estará em breve a concentração, e com a sua passagem para a outra margem do Estige (rio dos mortos, terror dos vivos) mais um passo se dará para a extinção das espécies de que depende fumar um charuto - tema que não é, não é, bem entendido, o deste texto. E, se fosse, poderia até ser uma insuportável metáfora da vida, gastando-se, ardida, em volutas de fumo. Concentração como, quando e onde? Em breve, se não já, em nenhum lado, não sobra arca salvadora nem nenhum cume do Ararate, tudo água, foguetes, imagens, sons e serpentinas (outra vez, muitas, coloridas, efémeras, entorpecedoras, aditi-

as suas consequências e dores? Não foi para as afastar que enchemos tudo de luz e cor, num carrossel rápido e inebriante de sensações, tapando o vazio com tantas peneiras.

*Um dia direi
como cheguei aqui
remar rumar rumor
um dia direi
como cheguei a ti
naquela outra cor
saber sentir supor
um dia direi
como cheguei a mim.*

*Finalmente os lábios
inteiros e vermelhos
finalmente o mar
solto acima dos joelhos
finalmente em paz
com os espelhos.
Um olhar, de frente
o medo, rente
o sangue, quente.
E o corpo
como o tempo
urgente.*

Definitivamente, isto não é um charuto. Como poderia ser? Que ilusão seria, e que atrevimento. E que luxo, não o do preço, da ostentação e afins, mas o luxo do que escasseia e faz muita falta: a simplicidade de uma hora de si consigo, concentrado, tentando ser todo, e tentando suportá-lo. Um

Sou", texto que encontramos em "Suicídios Exemplares", esse conjunto de contos onde se quer morrer e se não morre, ou se morre de outra coisa que não o suicídio, ou se regressa à vida, esse livro que, tendo a morte no horizonte, acaba por ironicamente celebrar a vida. Escreve ele: "Eu não fiz mais do que ajudar o grande Paniço do Valle a enfrentar a realidade. Ajudá-lo a compreender que a pintura não é nada se não for perigosa." Ora, fumar um charuto também, não é nada se não for perigoso. E hoje não queremos nada perigoso, não queremos sequer o perigo, sobretudo o perigo íntimo. Por isso, isto não é um charuto. Nem pensar.



**Por isso,
isto não é
um charuto.
Nem pensar.**